

# OS SENTIDOS E SIGIFICADOS ATRIBUÍDOS NA RELAÇÃO FAMÍLIA- ESCOLA

Anna Sherydan Costa e Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente texto traz algumas reflexões sobre as atribuições existentes na relação família-escola e quais podem ser as responsabilidades de cada instituição na vida dos alunos. Este tema entre a relação da escola junto à família tem trazido aos pesquisadores diversas discussões no que diz respeito aos benefícios que esse vínculo traz para o desenvolvimento da criança. Assim torna-se perceptível observar nos contextos quais são as vantagens dessa participação para os educandos de modo geral. Nesse contexto qualitativo, apresentam-se reflexões sobre o envolvimento da família com a escola e o impacto causado na aprendizagem e progresso do aluno, os benefícios de uma boa integração e a falta dela, bem como os aspectos de relações e atribuições estabelecidas entre ambos, que vem tomando foco nas pesquisas.

**Palavras Chave:** Família; Professores; Educação.

**Abstract:** This text presents some reflections on the existing attributions in the family-school relationship and what the responsibilities of each institution can be in the students' lives. This theme between the relationship between the school and the family has brought to the researchers several discussions regarding the benefits that this bond brings to the child's development. Thus, it is noticeable to observe in the contexts what are the advantages of this participation for students in general. In this qualitative context, reflections are presented about the family's involvement with the school and the impact caused on the student's learning and progress, the benefits of good integration and lack of it, as well as the aspects of relationships and attributions established between them, which has been focusing on research.

**Keywords:** Family; Teachers; Education.

## Introdução

Ao longo da história, a educação está vinculada a ideia de formação num pensamento de que um sujeito precisa ser educado em virtude de um fim, que é a convivência em sociedade e a preparação para o sucesso no mercado de trabalho. A relação escola e família passa por diversas alterações relacionadas ao papel em que cada uma desempenha no processo educativo da criança. Através de pesquisas bibliográficas e estudos sobre o tema, buscam-se meios que promovam o entendimento e uma boa relação entre as duas instituições.

Um passo importante para discutir este assunto é reconhecer a complexidade que

---

<sup>1</sup> Anna Sherydan Costa e Silva, mestranda em Ciências da Educação

existe dentro da relação escola-família, visando a mudança de postura de ambas partes. Parecendo claro o valor deste trabalho ao abordar o assunto como objetivo de discussão e reflexão é significativo considerá-lo segundo os rumos que a educação possa levar.

A política de participação ativa dos pais e responsáveis é um assunto que gera opiniões entre os profissionais da educação, pois se acredita que o bom desempenho dos alunos está estritamente ligado à participação dos pais na vivência escolar da criança. Nessa perspectiva, como deve ser esta relação para que os alunos consigam um bom desempenho? A educação exerce um papel importante na sociedade, onde escola e família desempenham funções distintas na formação da cidadania da criança. Todavia, existem desafios quanto à responsabilidade de cada um. Pensando nisso, o presente estudo visa desenvolver uma análise sobre fatores e funções sociais da escola na aprendizagem dos discentes e como ocorre a interação entre família e escola.

Segundo THIN (2006) escola e família são instituições que possuem diferentes lógicas socializadoras, sendo algumas vezes divergentes. Sendo assim é um erro analisá-las sem reconhecer as diferenças.

## **Vínculo escola e família**

Atualmente, a relação entre escola e família vem sendo uma questão bastante discutida, na verdade ainda existem algumas dúvidas acerca dos deveres de cada instituição, pois como se sabe é da família que parte as primeiras experiências educacionais.

Analisar esse relacionamento entre os membros familiares requer uma complexidade avaliativa e observacional, uma vez que a família está inserida dentro de contexto sócio-histórico e absorve influências provenientes do ambiente externo que influenciam direta ou indiretamente na rotina dos pais com seus filhos, podendo aliviar tensões ou expandi-las. (WEIL, 2001).

Como refere Outeiral e Cerezer (2003), a escola e a educação estão sem definição de como harmonizar-se em suas necessidades devido uma sociedade que está em mudança permanente (com contestação, transformações e alterações de valores) a uma sugestão que prepare o homem para o futuro.

Os primeiros cuidados referentes à vida são destinados à família, ali os filhos terão ou não uma boa formação de personalidade, identidade e autoestima. Os filhos buscam nos pais o apoio psicológico e é no seio familiar que encontrarão pautas culturais, sociais, religiosas,

assim é atribuído também aos pais o encargo de fiscalizar o comportamento, no intuito de acompanhar o desenvolvimento dos filhos e aplicar as correções necessárias.

A verdade é que os profissionais de educação muitas vezes atribuem aos pais a origem dos problemas encontrados nos educandos, apontando como um fator a mudança nas famílias, gerando uma confusão de papéis entre as instituições. O que se nota então é uma incompreensão por parte dos pais acerca do que é propagado pela escola e em contrapartida, uma falta de comunicação dos professores em promover esse entendimento.

Hoje, mais do que nunca, o discurso da escola afirma a necessidade de se conhecer a família para bem se compreender a criança, assim como para obter uma continuidade entre sua própria ação educacional e da família. E o meio privilegiado para a realização desses ideais pedagógicos será- ao menos no plano do discurso- o permanente diálogo com os pais. (NOGUEIRA, 2005, p. 573).

Observa-se no Livro “Família e Escola: Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares”, de Maria Alice Nogueira, Geraldo Romaneli e Nadir Zago, um conjunto de pesquisas onde os resultados oferecem aspectos reflexivos acerca do funcionamento do sistema escolar, enfatizando o ponto de vista delicado que é a família. As pesquisas apontam pontos comuns, sendo um deles a “ausência de uma tradição de estudos sobre as relações que as famílias mantêm com a escolaridade dos filhos” (2000, p.9) e “...relativo consenso, entre os autores, onde se identifica uma relação complexa no que diz respeito aos valores e objetivos entre ambas as instituições...”

Também é salientado com a observação de Paro (2000), a relevância do papel da família no desempenho escolar dos filhos, e que há uma relação independente entre as condições sociais oriundas das famílias e a maneira que se relacionam com as escolas, além de que, as transformações nas quais passam as duas instituições naquilo que diz respeito às suas estruturas internas, tendenciam a conexão entre os ambientes: família e escola. (NOGUEIRA, ROMANELLI, E ZAGO, 200, p. 11).

A responsabilidade na educação das crianças não pode ser conferida somente à família ou à escola de forma separada, se os pais atuam de forma direta na educação dos filhos, a escola pode oferecer condições complementares aplicando formação especializada.

Apesar de distinguirmos inúmeros aspectos preponderantes entre essa relação escola e família, notando principalmente aspectos de base afetiva e moral, vê-se que o papel de se construir e solidificar uma parceria entre as duas instituições se faz mister, já que a escola por si só não sustenta e talvez nunca tenha sustentado a posição de substituta da família na

função de educadora, nem tampouco se posicionará em resistência e rivalidade onde venha submeter a família como incapacitada para educar e socializar.

Além disso, a escola é para a maioria, o primeiro lugar de aproximação com a diversidade existente e crescente na sociedade global. Nela a criança é levada a conviver de forma sistemática com crianças de outras origens, raças, culturas, classes e capacidades com as quais, fora da escola, tem uma relação nula ou restrita- algo que inclusive se aplica, em muitos casos, a alunos de outro sexo e de outros grupos etários. Embora o respeito para com o outro ou a igualdade de direitos de todos os cidadãos possam ser pregados pela família, de maneira alguma podem ter nela a materialidade prática e continuada que encontram na escola. (ENGUITA, 2004, p. 65-66).

É imprescindível que a família transmita os valores da cultura para a criança. É através da participação diária e contínua nos eventos familiares que as crianças adquirem os hábitos de valores, tais como o respeito, a lei e a ordem. Nessa expectativa, a escola entra dando continuidade à educação, aprofundando mais eficazmente os conteúdos éticos e conhecimentos profissionais.

Afirma assim, Montandon e Perrenoud (1987), “de uma maneira ou de outra, onipresente ou direta, agradável ou ameaçadora, a escola faz parte da vida cotidiana da família”.

Segundo Parolin:

Tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo; no entanto, a família tem as suas particularidades que a diferenciam da escola, e suas necessidades que a aproximam dessa mesma instituição. A escola tem sua metodologia e filosofia para educar uma criança, no entanto, ela necessita da família para concretizar o seu projeto educativo (PAROLIN, 2003, p. 99).

Dessa forma o vínculo escola, família prevê o respeito mútuo, o que significa tornar paralelo os papéis de pais e professores, para que os pais garantam as possibilidades de expor suas opiniões, ouvir os professores e sem receio de serem avaliadas ou criticados trocando pontos de vista. O desenvolvimento do aluno no âmbito escolar depende de inúmeros fatores, especialmente desses pontos apontados, porém observa-se uma falta de iniciativa que poderia partir dos professores:

Quando à falta de um necessário conhecimento e habilidade dos pais para incentivarem e influenciarem positivamente os filhos a respeito de bons hábitos de estudo e valorização do saber, o que se constata é que os professores, por si, não têm a iniciativa de um trabalho a esse respeito junto aos pais e mães. Mesmo aquele que mais enfaticamente afirmam constatar um maior preparo dos pais para ajudarem seus filhos em casa se mostram omissos no tocante à orientação que eles poderiam oferecer, especialmente nas reuniões de pais, que é quando há um encontro que se poderia

considerar propício para isso [...] (PARO, 2000, p. 65).

Uma pesquisa de Paro (2000) aponta uma análise sobre o discurso de alguns professores no que diz respeito a continuidade da educação. Ele afirma que os profissionais desejam e esperam que a família dê continuidade à educação oferecida dentro da sala de aula, auxiliando os alunos nas atividades escolares, o que chamam de “uma continuidade de mão única”, ao passo que pais veem a escola como a segunda família, experimentam a “timidez dos professores, o medo da reprovação dos filhos e a distância que sentem da cultura da escola...” (p.33).

Uma nova realidade vinda de diversas transformações sociais, estabeleceram uma nova realidade familiar a qual se dá relevante importância para a associação da relação escola e família. (CAETANO, 2008).

Dando ênfase na escola, as advindas mudanças não foram nem é tarefa fácil, visto que até os tempos atuais ela leva privilégios de desigualdades sociais verificadas na sociedade moderna, tornando até difícil questão referente à sua configuração hoje, no que diz respeito ao acesso dela. Porém, constata-se também mudanças que, de alguma forma influenciaram a escola por consequência das transformações. De acordo com NOOGUEIRA (2005), tais mudanças vêm dando novas direções a duas importantes instituições sociais, ou seja, a escola e a família. Verifica este fato, da seguinte maneira:

Com efeito, desde meados do século XX, especialmente em suas últimas décadas, novas dinâmicas sociais vêm afetando, ao mesmo tempo, a instituição familiar e o sistema escolar, levando ao aparecimento de novos traços e desenhando novos contornos nas relações entre essas duas grandes instâncias de socialização. (NOGUEIRA, 2005, p.20).

Outro fator presente é a convicção de que o filho é uma extensão dos pais, sem uma diferenciação; alguns pais se relacionam com os filhos como se ainda fossem bebês sem reconhecer as condições e os recursos da criança, dessa forma infantilizam demais os filhos. Nessa visão, a escola através de seus professores ou diretores podem alertá-los e orientá-los, na tentativa de repensar sua conduta e agir de forma mais coerente com a realidade da criança. (MOKETT, NALTAZAR; BALTHAZAR et all, 2003).

Mesmo diante de tantas transformações que a família tem passado ao longo dos anos, ela ainda continua sendo uma das instituições mais fundamentais para o desenvolvimento do ser humano, sendo a primeira a apontar a socialização do homem e de definir sua proteção.

Atualmente a demanda imposta à escola tem aumentado, a função de apenas repassar os conhecimentos adquiridos pelas gerações passadas não é mais somente sua única função, contudo ainda existem polêmicas a este respeito e sobre o que a instituição em questão pode estar fazendo na atualidade, mas é constatável como a demanda e exigência das famílias e da sociedade tem crescido muito.

A escola precisa, portanto dessa relação de cooperação e interação com a família, considerando que os professores e alguns outros profissionais precisam ter conhecimento da dinâmica interna do aspecto sociocultural vividos por seus alunos, para que possa assim, respeitá-los, compreendê-los e buscarem os meios de providenciar o desenvolvimento e não o fracasso de cada educando. Precisam ainda desta parceria para compartilhar com a família os assuntos de conduta dos filhos: rendimento escolar, realização das tarefas, respeito às regras da instituição, relacionamento com professores e colegas, valores etc.

Para isto, é possível se observar uma proposta feita por Alarcão (2001), onde é bastante aceita hoje em dia, que é a ideia de uma escola reflexiva, que revê sua função social e pretende proporcionar ambientes que melhorem a capacidade dos indivíduos de modo a conviverem em sociedade.

Em meio a tantos desafios a serem enfrentados para que se alcance a formação do cidadão, percebe-se que a escola não tem condições de trabalhar sozinha, de modo a desenvolver em seus educandos não somente competências cognitivas desenvolvidas com atividades, mas também aquisições afetivas, pessoais e sociais que o ajudem a obter valores e busque no mundo globalizado ser menos excludente e mais humano.

É mister também a importância de se estabelecer uma comunicação mais precisa entre a família e a escola, porém não é apenas deixar cair no achismo de sua relevância, mas é preciso que os envolvidos se atentem para as questões que envolvem esta relação que pode ser por vezes conflitante, é necessário perceber e entender que esse diálogo depende da colaboração de todas as partes envolvidas, a fim de que sejam elaborados meios que alcancem o almejado sucesso, o bem dos educandos.

## **A educação formada por bons profissionais**

Tedesco (2005, p. 59) diz que as mudanças encontradas na educação, as quais buscam caminhos para serem qualificadas, levam a desconsideração no investimento nos professores, sendo estes “vistos cada vez mais como uma parte do problema e não da solução” fato este que pode ser explicado ao lermos Papadoulos (2005, p. 21), ao falar que rápidas

inovações, resultantes de uma “superabundância de informações nas sociedades modernas”, impactam o trabalho da escola, e sendo assim, ela deve responder a motivação pedagógica para os discentes, apontando como os professores sendo os responsáveis legitimados na aplicação dessa promoção. Segundo o mesmo autor,

O reconhecimento unânime de que um corpo docente bem formado e motivado é um elemento essencial de um ensino de qualidade oferecido nos estabelecimentos escolares ou em qualquer outro âmbito estruturado. Portanto é imprescindível continuar melhorando as condições de exercício e o atrativo dessa profissão (TEDESCO, 2005, p. 28).

O próprio mercado exige a boa postura e desempenho dos professores visando o aprendizado de cada discente, na obtenção de pontos para a escola de modo geral. Tal esforço deve partir do profissional desde cedo, tomando conhecimento de sua responsabilidade mesmo durante sua formação acadêmica, o professor deve estar preparado para enfrentar muitos desafios educativos, e desempenhar seu papel verdadeiramente, quando “trabalhar com dedicação, imaginação e paixão, buscando lugar no currículo aos entendimentos prévios dos jovens, quando eles vêm de culturas e histórias diferentes”.

A formação de bons professores está diretamente ligada ao bom resultado dos alunos, sendo à docência construída com dinâmicas escolares que reforçam a necessidade de uma relação entre formação profissional e a capacidade de levá-la aos serviços que lhe é conferido.

Conforme ressalta Névoa (2007):

Ser professor é compreender os sentidos da instituição escolar, integrar-se numa profissão, aprender com os colegas mais experientes. É na escola e no diálogo com os outros professores que se aprende a profissão. O registo das práticas, a reflexão sobre o trabalho e o exercício da avaliação são elementos centrais para o aperfeiçoamento e a inovação. São estas rotinas que fazem avançar a profissão. Faz-se necessário também, pensar na formação continuada sob a ótica da profissão docente e não mais sob a visão primitiva de que a docência é sinônimo de sacerdócio.

Algo de relevância a ser constatado no meio educacional seria comentar acerca dos problemas de formação dos profissionais no início de sua jornada ou até dos desafios de sua prática escolar. Para levar esse título é necessário verificar sobre seu valor na compreensão de bom profissional. Sendo assim é mister verificar as ideologias da profissão, seus aspectos, carreira e salário, considerando os aspectos de sua formação nos mais variados contextos em que está inserido. (GATTI, 2009)

A conciliação entre a arte e a prática é observada nos caminhos metodológicos escolhidos por cada professor, resultantes da reciprocidade entre os sujeitos da aprendizagem e confirmando a valorização do relacionamento com o aluno como sendo uma fonte de aprendizagem docente para qualificar ainda mais a sua técnica.

Dessa maneira, é defendida uma docência comprometida como o conhecimento teórico do professor (ponto inicial para seu planejamento); o reconhecimento dos discentes que discorrem desta relação, e a capacidade estratégica do professor.

Partindo desse ponto, é importante ressaltar Freire (1996), onde mostra que educar é uma especificidade humana, e que para que a educação aconteça de fato, são necessárias: competência profissional, generosidade, comprometimento com sua profissão, autonomia e autoridade para agir, falar, ouvir, ser escutado, amar sua profissão e amar os educandos, ter um rigoroso método sem deixar de abranger a capacidade crítica dos alunos, além de incentivar a curiosidade ao passo que também seja um verdadeiro curioso.

Citadas todas essas questões, nota-se ainda a pergunta sobre quem é de fato o bom professor. Segundo Névoa (2009) é impossível defini-lo e apresentar suas listas de competências, não seria suficiente apenas alguns atributos para descrevê-lo. Mesmo diante de sua colocação, é citado alguns valores que caracterizam o professor e sua competência na atualidade, de acordo com o autor retirado da pesquisa de Profa. Dra. Edna Maria e Profa. Dra. Virginia Mara:

Conhecimento: o trabalho do professor acontece com a construção de práticas docentes que levem os alunos à aprendizagem;

Cultura profissional: é preciso compreender os sentidos da escola, integrando-se na profissão docente, aprendendo com os colegas mais experientes. Assim se aprende a profissão, não sendo menos importante o registro das práticas, a reflexão sobre o trabalho e o exercício da avaliação, que levam ao aperfeiçoamento, à inovação e ao avanço da profissão;

O tato pedagógico, ou seja, a capacidade de relação e de comunicação necessária ao ato de educar permite que o professor seja capaz de se dar ao respeito, conquistando os alunos para o trabalho escolar;

O trabalho em equipe: é imprescindível o reforço das dimensões coletivas e colaborativas, do trabalho em equipe, da intervenção em conjunto nos projetos educativos de escola, organizando-se em torno de “comunidades de prática” no interior de cada escola e no contexto de movimentos pedagógicos que remetem a dinâmicas que se projetem além das fronteiras organizacionais;

Compromisso social: a profissão requer confluência para o sentido dos princípios,

dos valores, da inclusão social e da diversidade cultural, de maneira que se permita ao educando ultrapassar as fronteiras da vulnerabilidade, que podem ter sido traçadas como destino pelo nascimento, pela família ou pela sociedade.

Tendo base essa perspectiva, é evidente que o professor precisa desde muito cedo assumir um papel de liderança e muita competência, a fim de alcançar os méritos provenientes de sua profissão, tomando experiência desde seus estudos até o momento em que começar de fato sua atuação no mercado de trabalho. Precisamente todo o conhecimento adquirido durante sua formação deverá ser colocado contra e a favor da realidade, o que o levará a buscar os melhores caminhos que darão sentido a sua formação. (HARGREAVES, 2004).

Faz-se necessário pensar sobre o significado do ensino bem-sucedido:

[...] é um conceito relativo e dinâmico. Não se pode definir em termos absolutos. E sempre é possível pretender mais qualidade. Um movimento de busca de qualidade é, por esta razão, um processo que, uma vez iniciado, nunca termina. Não há tal coisa como “níveis aceitáveis” de qualidade. Sempre temos que estar insatisfeitos com os níveis de qualidade alcançados, porque sempre é possível melhorá-los. A melhoria alcança novas alturas com cada problema que se resolve (SCHMELKES, 1994, p. 31 apud RIOS, 2010, p.91-92)

Machado (2000) declara que a mais comum e principal crítica acerca da educação em relação à habilidade dos professores é a motivação deles. Essa dificuldade existe de modo geral, e pode afetar diretamente os estudantes visto que os profissionais são os responsáveis pelo progresso escolar.

Na ideia de Gatti (1996), o magistério nunca obteve a atenção necessária de modo a intervir na qualidade e na profissionalização dos docentes, sendo que estes sempre trabalharam de forma precária, especialmente em instituições públicas, recebendo baixos salários. Entendemos a importância de olhar para a formação do professor com atenção, já que o mesmo quando bem formado sente-se motivado e coopera no desenvolvimento e rendimento escolar.

Em relação a essa precariedade do trabalho dos profissionais da educação, é notório um alto índice dos contratos temporários nas redes públicas de ensino, se tornando uma questão comum a ausência do piso salarial, a ausência dos planos de cargos e carreiras, e a perda de garantia dos direitos trabalhistas, tendo tornado o quadro de instabilidade e precariedade do emprego no âmbito do magistério público (OLIVEIRA, 2009, p.4).

Vê-se nas afirmações de Shulman e Shulman (2016) algumas características referentes ao que se chama de professor competente, motivado na aprendizagem do aluno:

- Preparados para seguir uma visão de salas de aula ou escolas que constituem, por exemplo, comunidades de aprendizagem;
- Dispostos a despende energia e a persistir para colocar na prática esse tipo de ensino;
- Que compreendam os conceitos e princípios necessários para esse tipo de ensino;
- Capazes de se engajar nas complexas formas de práticas pedagógicas e organizacionais necessárias para transformar suas visões, motivações e compreensões em realidade pragmática e funciona; capazes de aprender com as experiências, as próprias e as de outrem, por meio da reflexão ativa sobre suas ações e suas consequências;
- Capazes e experientes em trabalhar como membros de uma comunidade de aprendizagem e/ou na formação de tais comunidades em seus contextos de atuação docente (SHULMAN, SHULMAN, 2016, p.14)

Atualmente é fortalecida uma busca de boas referências de professores como também de boas práticas observando-se a necessidade de elevar a docência e a influência que este profissional tem sobre a vida dos educandos, tendo a consciência de sua grande responsabilidade, pois:

[...] ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é a ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (FREIRE, 1996, p.23).

Com o novo modelo de gestão dentro do setor educacional frente à reforma educacional da Constituição de 1988 e da LDB nº 9394/96, fatores se destacaram quanto a descentralização, flexibilidade e gestão democrática sendo as principais características do novo modelo. Oliveira (2009) mostra a mudança no trabalho dos docentes, onde de acordo com a autora, estes trabalhos que englobam não só os professores como também gestores, foi intensificado mesmo com as reformas educacionais precárias, não atendendo nem solucionando os diversos problemas no setor educacional.

Em relação ao aumento do trabalho do docente, Oliveira (2010) refere que: “Os professores que trabalham em escolas públicas costumam assumir mais de uma jornada de trabalho como docente em diferentes estabelecimentos, por necessidade de complementação de renda”.

Sendo assim, fica em evidência a oportunidade de novas posturas que os profissionais podem adquirir, sendo que as mesmas mostram competências pessoais e profissionais provenientes da reflexão sobre esses aspectos, a sua dedicação numa formação

constante, de tal maneira que não se acomodem quanto a esse contexto, mas que pelo contrário, reajam a possíveis adversidades. “É vital que os professores comecem o processo de modificação, resgatando seu papel frente à sociedade, sendo atuantes e competentes”. (FERREIRA, 2009, p. 166).

Sobre isso, Machado (2000) ainda aponta a importância da formação continuada e a constante busca de qualificação e adequação de tal formação de acordo com o que pede a gestão educacional nas instituições. Condena ainda o fato das formações atuais ainda serem tradicionais e assistemáticas. A formação continuada a qual se refere possibilita aos professores abordarem suas atividades unindo-os aos conceitos adquiridos diante das situações reais, facilitando o desenvolvimento de suas competências.

Em meio a esses relatos e colocações, é possível levar em consideração também o ponto de vista dos alunos sobre o trabalho dos professores. Na visão de Day (2001) um estudo feito com alguns alunos de cerca de doze e dezesseis anos em algumas regiões da Inglaterra, foi constatado que aqueles professores que tinham para impulsionar a aprendizagem dos discentes, possuíam características como: prazer ao ensinar e transmitir conhecimento, aulas interessantes e divertidas que envolviam os alunos, bom humor, disposto em tirar as dúvidas sem que o aluno seja humilhado...

Cunha (1997), expressou as mesmas características sobre os bons professores, feitas por alguns alunos, sendo destes de segundo e terceiro grau, observando que os chamados “bons” não são aqueles que se manifestam bonzinhos e permissivos, mas sim aqueles que são exigentes e que cobram a participação na sala e a resolução das tarefas. Assim, é observado que:

[...] a escolha que o aluno faz do bom professor é permeada por sua prática social, isto é, resultado da apropriação que ele faz da prática e dos saberes históricos-sociais. A apropriação é uma ação recíproca entre os diferentes em função de seus interesses, valores, crenças, experiências etc. isto é demonstrado pela diferenciação existente entre o comportamento dos alunos quando propõem o BOM PROFESSOR (CUNHA, 1997, p. 59).

Outro fator que trouxe também diversas transformações no setor educacional foi a evolução do mercado de trabalho cada vez mais exigente, buscando profissionais mais preparados para se engajarem nos cargos desejados, a educação teve que assim ir se adequando às tantas exigências da sociedade.

Vendo o quanto que a educação ainda carece de bons profissionais, bons gestores em educação, Oliveira (2009) ressalta que um dos principais problemas da educação é a falta de formação adequada dos profissionais que atuam na área, para ele outro aspecto relevante é

a má condição de trabalho e o baixo salário, essas condições influenciam diretamente no serviço do educador, conseqüentemente trazendo baixos rendimentos aos alunos em suas salas.

Uma boa sugestão referente a estes casos descritos pelos autores seria unir a sociedade com o Governo, fazendo-os trabalharem com o olhar voltado para as carências da atualidade, buscando melhoria no desempenho educacional, deixando um pouco de lado a política e compreendendo a necessidade de levar em consideração o trabalho dos profissionais da educação, que hoje não tem o total suporte nem apoio na formação. Enquanto essas instituições não se unirem em comum acordo, com o objetivo de contribuir para superar esse grande desafio na educação, “continuar-se-á longe da cidadania plena do desenvolvimento”. (GADOTTI, 2000, p. 31).

## **Conclusão**

Não há dúvidas de que psicólogos, educadores e demais profissionais que atuam na escola reconhecem a importância das relações que se estabelecem entre a família e a escola e os benefícios potenciais de uma boa integração entre os dois contextos para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo do aluno. Para superar as discontinuidades entre os ambientes familiar e escolar, é necessário conhecer os tipos de envolvimento entre pais e escola e estabelecer estratégias que permitam a concretização de objetivos comuns. No ensino fundamental especialmente, é preciso reconhecer que os alunos trazem conexões oriundas da família, sendo elas referências e estabelecimento de relações com o conteúdo curricular. (Epstein, 1986; López, 1999/2002).

Sulzer- Azaroff, Mayer e, Rosenfied e McLoughlin (1989) acreditam que para estabelecer uma relação efetiva entre pais e escola é preciso que os docentes tenham a capacidade de se comunicarem de forma clara, simples e compreensível com os pais. Para mais, percebe-se que o progresso da parceria pais-professores está diretamente associado a compreensão de diversas questões que os envolve na ação educativa, com respeito ao aluno e sua trajetória escolar, considera-se que pais e educadores devem ser verdadeiros uns com os outros e aprendam a se adaptar e a concentrar sua atenção sobre a criança. Estes aspectos são relevantes quando visam o seu bem-estar e o seu desenvolvimento.

Com efeito, para o êxito da relação aqui colocada em questão, à escola não basta apenas desejar a participação ativa dos pais, é preciso proporcioná-la e não somente com cobranças de conhecimento da realidade familiar, mas sim buscando um conhecimento acerca dos alunos através de suas famílias. Nesse sentido o papel do professor é essencial na construção

desse processo de introdução família na escola. Uma ideia é que os pais poderiam ser convidados a construir a escola, entendendo o projeto político pedagógico, o currículo, o quadro de profissionais, dentre outros aspectos.

Faz-se mister estimular estudos e projetos acadêmicos direcionados a este tema, onde perceba-se o estudo do envolvimento da família com a escola, transformando-as em mecanismos que contribuam para o planejamento de programas educacionais. Na visão política é considerável estabelecer novos rumos para a relação família-escola que busque o desenvolvimento global dos alunos.

Cabe então às duas instituições dar suporte ao aluno em seu desenvolvimento escolar, oportunizando um ambiente saudável, cheio de boas relações e respeito, fazendo que a criança consiga um aprendizado positivo e tenha gosto pela educação. Dessa maneira, família e escola tendem a concretizar relações de contribuição onde a família inicia como potencializadora do trabalho que foi realizado no ambiente escolar, acompanhando e motivando o seu progresso, ao passo que a escola junto com seus profissionais, contribuem na formação pedagógica. A escola deve também respeitar e valorizar a participação ativa dos pais ou responsáveis dos discentes.

## **Referências bibliográficas**

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científico, 1981.

BRANDÃO, C. R. **A educação como cultura**. Campinas, SP: Mercado de Letras: 2002.  
CHARLOT, B. **A mistificação pedagógica: Realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação**, São Paulo: Editora Cortez, 2013.

BRAIT, Lilian Ferreira Rodrigues. ET AL. **A relação professor/aluno no processo de ensino e aprendizagem**. Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia do Campos Jataí- UFG. V. 8 n.1, jan/jul, 2010.

CAMPOS, Alexandra Resende. **Família e Escola: um olhar histórico sobre as origens dessa relação no contexto educacional brasileiro**. Programa de Pós Graduação em Educação. Rio de Janeiro, 2011.

DURKHEIM, E. **Educação e sociologia**. Tradução de Lorenço Filho. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

Educ., Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 152-165, abr. 2007. SZYMANSKI, H. **A relação família/escola: desafios e perspectivas**. Brasília: Liber, 2010.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

ELALI, Gleice Azambuja. **O ambiente da escola- o ambiente na escola: uma discussão sobre a relação escola-natureza em educação infantil.** Estudos de Psicologia 8 (2), 309- 319. Rio Grande do Norte, 2003.

JARDIM, Ana Paula. **Relação entre família e escola: proposta de ação no processo ensino-aprendizagem.** Pós Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação Mestrado em Educação. Presidente Prudente- SP, 2006.

LIBÂNEO, J. C. **O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres.** Educ.Pesqui., São Paulo, v. 38, n.1, p. 13-28, mar. 2012. Disponível em<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151797022012000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151797022012000100002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 ago. 2021.

MEIRA, Mara Cristina Ripoli, CENTA, Maria de Lourdes. **A evolução da família e suas implicações na educação dos filhos.** Fam. Saúde Desenv. Curitiba, v.5, n.3, p-223, set/dez, 2003.

OLIVEIRA, C. B. E. de; MARINHO-ARAÚJO, C. M. **A relação família-escola: intersecções e desafios.** Estud. psicol. (Campinas), Campinas, v. 27, n. 1, p.99-108,Mar. 2010.

PAROLIN, I. **As dificuldades de aprendizagem e as relações familiares.** Fortaleza:Anais, 2003. (5ª Jornada de Educação do Norte e Nordeste).

SAVIANI, D. **Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos.** Rev. Bras.

PEDROSA, Sâmia. **A Evolução da Educação: Necessidade de Uma Nova Gestão Escolar.** Universidade Estácio de Sá.

PEREIRA, Daniela de Lima Carvalho. **Ambiente Escolar.** V Conedu Congresso Nacional de Educação. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT).

PONTES, Silvia Elaine da Rocha Silva. ET AL. **Fortalecimento de vínculos entre família e escola na Educação Infantil. Ensino em Perspectivas.** Fortaleza, v.2, n. 4, p. 1-12, 2021.

POLONIA, Ana da Costa. DESSEN, Maria Auxiliadora. **Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola.** Psicologia Escolar eEducativa, v.9, n.2, 303- 312. Brasília, 2005.

RITA, Monica. **Interdisciplinaridade no Ambiente Escolar.** Academia Accelerating the world's research. IX ANPED SUL, 2012.

ROCHA, Silva Pimenta Veloso. **Tornar-se quem se é: educação como formação, educação como transformação.** 3er Congresso Latino Americano de Filosofia de laEducación.

SÁ, Inês. VASCONCELOS, Lemos. **A relação escola- família na promoção do sucesso educativo.** Escola Superior de Educação Pré-Escolar. Porto, 2018.

SANTOS, Cidicélia Gomes da Silva. **Escola e família: as implicações e desafios de uma relação.** Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2008.

SANTOS, Luana da Rocha, TONIOSSO, José Pedro. **A importância da relação escola-**

**família. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade. Bebedouro- SP, (1):122-134, 2014.**